

A ESCOLA E O CONDICIONAMENTO HUMANO

MARIA THERESA LOURENÇO MACHADO DOS SANTOS¹;
ARAÚJO, RÓGER ALBERNAZ²

¹ Pós-Graduação em Educação do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense. E-mail: Tytta1985@hotmail.com

² Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense –
Roger@pelotas.ifsul.edu.br

1. INTRODUÇÃO

O presente texto apresenta uma reflexão dos conceitos de poder disciplinar e de poder de controle, encontrados na produção teórica do autor Michel Foucault (1926-1984), a partir de sua obra intitulada "Vigiar e Punir" (1975). O intuito central é empreender uma relação entre estes conceitos com o âmbito escolar, tentando pensar os modos pelos quais, as regras estabelecidas no espaço escolar podem ter um caráter condicionador para os docentes e os discentes. Considerando tal perspectiva, pretende-se movimentar alguns conceitos em Deleuze, tentando realizar uma análise da própria nomenclatura que cerca a estrutura escolar e o quanto tal nomenclatura, pode contribuir na relação com o condicionamento do homem.

2. MATERIAL E MÉTODOS

O procedimento metodológico para a construção deste texto é de cunho bibliográfico, a partir da análise da obra "Vigiar e Punir" de Michel Foucault, em específico a terceira parte intitulada: Disciplina, bem como a leitura de alguns comentadores e também a leitura da obra "Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia", abordando a parte introdutória que trata do conceito de Rizoma. A proposta que segue partiu da ideia do estudo do poder disciplinar e do poder de controle, agenciando os conceitos: rizoma, multiplicidade, plano de imanência ou plano de consistência, visando, outra leitura da estrutura escolar.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Falar acerca de um poder de controle e de um poder disciplinar na contemporaneidade pode ser considerado por muitos como no mínimo equivocado. Um autor que nos permite uma melhor reflexão sobre esses conceitos é Michel Foucault. Através do presente estudo se pode efetivar uma estreita relação com a palavra condição. É fato que o homem é um animal historicamente e socialmente adestrado. No excerto abaixo, Foucault aponta para o fato de que:

“(…) a de uma arquitetura que não é mais feita simplesmente para ser vista (fausto dos palácios), ou para vigiar o espaço exterior (geometria das fortalezas), mas para permitir um controle interior, articulado e detalhado para tornar visíveis os que nela se encontram; mais geralmente, a de uma arquitetura que seria um operador para a transformação dos indivíduos: agir sobre aquele que abriga, dar domínio sobre seu comportamento, reconduzir até eles os efeitos de poder, oferecê-los a um conhecimento, modificá-los. (...) Como a escola-edifício deve ser um operador de adestramento. (FOUCAULT: 2012, p.166)

Pensando este “adestramento” e relacionando-o com a concepção de

condicionamento, propõe-se destacar as relações possíveis, entre as regras e as instituições educacionais, no que tange a construção de um indivíduo social e político. Refletir sobre educação é pensar em uma "edificação do sujeito", em uma formação do indivíduo para o mundo social. E, este é o papel da escola, da família e da sociedade como um todo. Sobre a concepção de formação é possível afirmar, que o papel real da escola é adequar e coordenar o indivíduo e, em muitos aspectos, não visa encaminhá-lo para uma formação autônoma, mas, sim, para uma dependência do sistema que o adentra e que impõe o construído e instituído, pois, os imperativos universais que guiam o homem contemporâneo estão aí para serem respeitados não permitindo um cuidado de si.

Que a estrutura física de muitas escolas está em total e comum acordo com a ideia de vigilância, não é nenhuma novidade. Tal estrutura de vigilância é claramente descrita no terceiro capítulo, da obra de Foucault, intitulada "o panoptismo", inspirado no do projeto arquitetônico prisional elaborado por Jeremy Bentham:

"(...) o panóptico benthamiano em sua forma estrita, ou em semicírculos, ou em forma de cruz, ou a disposição em estrela. (...). A sala central de inspeção é o eixo do sistema. Sem ponto central de inspeção, a vigilância deixa de ser assegurada, contínua e geral; pois, é impossível ter inteira confiança na atividade, no zelo e na inteligência do preposto que vigia imediatamente as celas... O arquiteto deve então colocar toda a sua atenção nesse objeto; há aí ao mesmo tempo uma questão de disciplina e de economia. Quanto mais for exata e fácil a vigilância, menos será necessário procurar na força dos edifícios garantias contra as tentativas de evasão e contra as comunicações de detentos entre si. Ora, a vigilância será perfeita se de uma sala central o diretor ou o preposto chefe, sem mudar de lugar, vê sem ser visto não só a entrada de todas as celas e até o interior do maior número de celas quando a porta toda aberta, mas ainda os vigias destacados à guarda dos prisioneiros em todos os andares... com a fórmula das prisões circulares ou semicirculares, seria aparentemente possível ver de um centro único todos os prisioneiros em suas celas, e os guardas nas galerias de vigilância" (FOUCAULT: 2012, p.236)

Tal estrutura também é seguida, segundo o Foucault, nas escolas. Pensar, por exemplo, nos currículos elaborados que carregam em seu conteúdo um caráter condicionador, coordenador, levando até mesmo a uma limitação, ao adestramento, a um sistema avaliativo que corrói as potencialidades dos discentes, aqui, sim, faz-se possível enxergar um problema. A própria nomenclatura que cerca o âmbito escolar até hoje, pode ser entendida como disciplinar. As grades curriculares trabalham com a ideia de algo fechado, determinado, nada de pontos de fuga, nada de multiplicidades. Para as multiplicidades, as escolas preparam datas comemorativas, pois as multiplicidades não estão de acordo com o igual, com o estabelecido, com o instituído e, assim são ignoradas. O conceito de multiplicidade é tratado aqui, considerando todos aqueles aspectos que incomodam a estrutura como um todo, pois, valorizam o que é criado a partir das experiências e não de uma verdade única, ou seja, levando em consideração o conceito de rizoma desenvolvido por Deleuze e Guattari, que movimenta um conceito por entre a estrutura do conhecimento. O conceito de multiplicidade é um dos princípios que compõem este rizoma, o que permite que o rizoma mantenha uma relação com o uno, mas também com o múltiplo, não admitindo nem sujeito nem objeto. Desta maneira o rizoma, com/pelo princípio da multiplicidade engloba diversos pontos de partida, deseja a inclusão, envolve diferentes pontos de vista, resistindo a uma verdade estabelecida. Deleuze e Guattari esclarecem:

"(...) é somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual,

como imagem e mundo. As multiplicidades são rizomáticas e denunciam as pseudomultiplicidades arborescentes. Inexistência de unidade ainda que fosse para abortar no objeto e "voltar" no sujeito". (DELEUZE; GUATTARI: 1995, p.16)

Quando a estrutura considera o múltiplo, entende-se que o relevante no âmbito escolar, propõe um plano de imanência, que parte de uma concepção de criação, considerando a possibilidade de fuga das verdades absolutas e a possibilidade de experimentação de um novo espaço por vir.

O poder de controlar e dirigir os indivíduos é um poder, que pode ser encontrado nas escolas. Este poder é exercido a cada um, como também é exercido sobre as massas. A partir de Foucault é possível compreender que este poder que controla é um poder que organiza em séries. Um poder que distribui em classes, que identifica o discente adequado e o inadequado, que permite que cada indivíduo, seja "fabricado" de modo a ser condicionado a adotar uma identidade, fazendo parte de uma determinada categoria. O poder disciplinar, como componente do aparelho escolar, não abre espaço para formação de um corpo criativo e sim de corpos dóceis, produtivos e reprodutivos de determinadas verdades. Foucault esclarece que o sujeito é constituído e não constituinte. Constituído por práticas disciplinares que sujeitam o indivíduo, restringindo multiplicidades, o que torna efeito um assujeitamento.

Esta proposta de estudo se torna possível, a partir da realidade da escola contemporânea, baseada em uma estrutura de conhecimento arborescente, o que sustenta uma base sólida de hierarquização do ensino, de modo, a conduzir discentes e docentes a percorrer um espaço limitado, no qual está estabelecido, a priori, até onde se pode ir e o que é permitido conhecer. Contudo, a possibilidade de pensar a instituição escolar de modo diferente do instituído, compõem um conjunto de possibilidades singulares. Possibilidades de pensar uma formação ilimitada; uma formação que não classifica e, sim, considera; que não descarta, e sim, conecta; uma produção de corpos móveis; corpos pensantes e desejosos de um conhecimento de si e do entorno.

4. CONCLUSÕES

Com a construção teórica de Michel Foucault, torna-se possível buscar o entendimento dos conceitos de poder de controle e de poder disciplinar. Encaminha a significação dos mecanismos que produzem o espaço escolar, que podem ser considerados como dispositivos na/para produção sujeitos resultantes do exercício de poder. O que se faz relevante, faz-se, justamente na/pela produção de caráter condicionador que direciona o território do saber a um contínuo exercício do poder. A escola e a aplicação contínua das tecnologias de poder fazem com que discentes e docentes, aceitem o poder como uma entidade natural e legítima, onde acontece a produção de um indivíduo que investe na reprodução do instituído, o que reforça a sistemática da mecânica da produção hegemônica do poder.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DELEUZE, G, F. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia; v.1.** São Paulo: ed. 34, 1995.

DELEUZE, G. **Foucault.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão; 38 ed.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VEIGA NETO, A. **Foucault e a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.